



OS SABERES TRADICIONAIS E A GEOGRAFIA TERENA NA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA

Francieli de Oliveira Meira¹
Paulo Baltazar²

RESUMO

Esse artigo é um desdobramento das pesquisas de doutorado que desenvolvemos no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) e tem como objetivos verificar o ensino de Geografia nas escolas indígenas terenas em diferentes contextos socioespaciais, evidenciando o diálogo existente entre os saberes indígenas e os não indígenas, em decorrência tratamos sobre a geografia Terena e o quão ela é sistematizada nas aldeias da Terra Indígena de Nioaque, Aldeinha em Anastácio e Aldeia Bananal em Aquidauana, estado de Mato Grosso do Sul e a construção de uma cartografia social Terena que tem o sentido de registrar os lugares sagrados e históricos, aldeamentos antigos, nascentes, regiões de caça e pesca, organização espacial tradicional e a reorganização espacial e territorial do povo Terena na Terra Indígena Taunay/Ipegue, localizada no município de Aquidauana. Através de pesquisas realizadas nas aldeias e nas escolas indígenas, identificamos nas práticas diárias dos professores atitudes que apontam o entendimento de uma geografia Terena, pois por meio da cultura Terena entendem outros significados de natureza, espaço e lugar e partem de uma outra epistemologia de construção de sentido desses objetos de estudos da Geografia que compõem a identidade e o jeito de ser Terena.

Palavras-chave: Saberes tradicionais; geografias; Terena; Educação escolar indígena.

ABSTRACT

This article is an unfolding of the doctoral research we developed in the Postgraduate Program in Geography at the Federal University of Grande Dourados (UFGD) and aims to verify the teaching of Geography in Terena indigenous schools in different socio-spatial contexts. As a result, we deal with the Terena geography and how it is systematized in the villages of the Indigenous Land of Nioaque, Aldeinha in Anastácio and Aldeia Bananal in Aquidauana, state of Mato Grosso do Sul and the construction of a Terena social cartography that has the purpose of registering the sacred and historical places, ancient villages, springs, hunting and fishing areas, traditional spatial organization, and the spatial and territorial reorganization of the Terena people in the Taunay/Ipegue Indigenous Land, located in the city of Aquidauana. Through research conducted in the villages and indigenous schools, we identified in the daily practices of teachers attitudes that point to the understanding of a Terena geography, because through the Terena culture they understand other meanings of nature, space and place and start from another epistemology of construction of the meaning of these objects of Geography studies that make up the Terena identity and way of being.

Keywords: Traditional knowledge; geographies; Terena; Indigenous school education.

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD. E-mail: francieliomeira@hotmail.com

² Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD. E-mail: apoterena@gmail.com



INTRODUÇÃO

Esse artigo desdobra-se das pesquisas de doutorado que desenvolvemos no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Elas têm o objetivo de verificar e analisar o ensino de Geografia desenvolvido nas escolas indígenas terenas nos diferentes contextos socioespaciais e a existência de um diálogo entre os saberes indígenas com os não indígenas e também analisar a geografia Terena e como essa é sistematizada nas aldeias Terena da Terra Indígena de Nioaque, Aldeinha em Anastácio e aldeia Bananal em Aquidauana em Grosso do Sul além de construir uma cartografia social Terena que tem o sentido de registrar os lugares sagrados, os lugares históricos, os aldeamentos antigos, as nascentes, os lugares de pesca e da caça, a organização espacial tradicional, a reorganização espacial e a territorial do povo Terena na Terra Indígena Taunay/Ipegue localizada no município de Aquidauana.

Ambas as pesquisas se articulam com a finalidade de promoverem uma abordagem sobre outras cosmologias de pensamento e a produção de uma geografia Terena que consequentemente reverberam no espaço escolar das aldeias e, em particular, no ensino de geografia, além da dimensão e da relevância social dessas pesquisas para a educação escolar indígena também pode ser transformada numa ferramenta de empoderamento para as reivindicações de políticas públicas, de defesa do território e do fortalecimento do jeito de ser Terena.

Nesse trabalho, especificamente, temos a pretensão de discorrer sobre a espacialidade e a geografia Terena, não como uma hegemonia para combater a Geografia Ocidental acadêmica, mas como um trabalho no campo das minoridades e para compor e somar com a Geografia. Descrevemos uma geografia pautada nas vivências Terena, em suas diversas forma de resistência frente à colonialidade, com o objetivo de promover diálogo entres as diferentes geografias e epistemologias. Destacamos que a geografia Terena é construída por meio da oralidade e de um processo coletivo entre os agentes sociais. “Sublinhe-se que, aqui, não se nega a ideia de pensamento universal, mas sim de que há um único pensamento universal e, assim, impede-se outros lugares/povos de falar” (PORTO-GONÇALVES, 2021, p. 21).

Os conhecimentos tradicionais da cultura Terena se manifestam nas atividades escolares e influenciam o ensino de Geografia que se desenvolve nas escolas e apontando para outra geografia. Assim, entendemos que há uma dimensão geográfica nas ações escolares no ensino de geografia, pois os estudantes e os professores indígenas desenvolvem uma geografia que trazem de suas vivências e de suas concepções espaciais as quais são manifestadas na escola.



Estamos no século XXI e os indígenas brasileiros lutam por reconhecimento, por educação escolar diferenciada e por espaço nas universidades, pois o Estado brasileiro nasce excluindo os povos originários e mantendo uma colonialidade eurocêntrica que reproduz, ainda nos dias atuais, um imaginário na sociedade não indígena que é necessário ocupar, explorar e dominar o território. Esse imaginário diferencia das concepções indígenas de estabelecer relação com o território. Por exemplo, há uma frase comum no imaginário da sociedade não indígena “os povos originários não derrubam a floresta devido à preguiça”. Essa frase expressa a falta de compreensão da sociedade brasileira sobre a cosmologia e o jeito de ser dos habitantes originários das terras brasileiras, além de preconceituosa, ela também tenta impedir que outras cosmologias coexistam simultaneamente com o modo ocidental de viver.

O desenvolvimento desse trabalho, iniciou-se com o levantamento bibliográfico relacionado à temática proposta e a seguir foram realizadas visitas às aldeias Terenas, contatos com as lideranças, observações do cotidiano das escolas indígenas delimitadas para a pesquisa e realizadas conversas/entrevistas com professores e estudantes que se dispuseram a participarem da pesquisa. Destacamos que é exposto aos sujeitos envolvidos os objetivos das pesquisas e esses livremente disponibilizam-se a participar ou não. Foram entregues documentos de identificação dos pesquisadores para as direções das escolas que estão envolvidas na pesquisa e assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Sobre a construção da cartografia social que é um processo de construção coletiva em conjunto com o pesquisador Terena e com os agentes sociais, ou seja, os anciãos que são os informantes da comunidade e contadores de histórias, pois são conhecedores do território, dos lugares sagrados, dos lugares históricos, da organização social e da espacial entre outros lugares, além das oficinas que, posteriormente, serão desenvolvidas com a participação dos estudantes das escolas indígenas da Terra Indígena Taunay/Ipegue.

REFERENCIAL TEÓRICO

Partimos da abordagem de Massey (2015), a autora destaca que desenvolveu-se, por meio do projeto de modernidade, o estabelecimento e a imposição da universalização de uma maneira de imaginar o espaço e juntando a isso a relação sociedade e espaço, que levou a um constrangimento, desprezo e ocultamento material de certas formas de pensar e organizar a relação estabelecida entre sociedade e espaço e que ainda permanece muito forte em pleno século XXI.



A sociedade brasileira é plural, ou seja, possui múltiplas geografias, mas essa pluralidade étnica não é reconhecida nos direitos e igualdade ao acesso à educação escolar por meio de uma escola indígena diferenciada. A sociedade a que pertencemos ainda se revela preconceituosa, com fortes marcas da colonialidade e excludente dos povos originários e outras minorias. O espaço apresenta-se como possibilidade da multiplicidade, encontros e desencontros de trajetórias que coexistem simultaneamente, o espaço nessa perspectiva é produto de inter-relações, e conseqüentemente, isso implica na existência da pluralidade, assim, multiplicidade e espaço se constituem (MASSEY, 2015).

Os Terena reafirmam e defendem o *Kixovoku*, traduzido como “Jeito de ser Terena”, que possui uma aproximação com o conceito de *Bem Viver* dos povos indígenas andinos, mas com algumas particularidades próprias da cultura Terena. Esse povo resiste com sua forma de viver, de organizar suas aldeias e de ver o mundo, mesmo sob pressão de uma sociedade ocidental/capitalista, que tende a desconsiderar outras formas de pensamento e outras trajetórias.

O jeito de ser terena está ligado com a terra. A própria narrativa mitológica contada pelos indígenas sobre a formação dos Terena destaca que um herói *Yuricoyuvakae* tirou os Terena de um buraco na terra e deu-lhes utensílios para cultivar a Terra ensinou tudo o que era preciso para sobreviver da agricultura: ensinou a roçar e plantar e, para isso deu carocinhos (sementes) de feijão, milho e também a mandioca e ensinou a maneira certa de plantar e também deu fogo para se aquecerem, preparar os alimentos e para a prática de produção de cerâmicas pelas mulheres e os chamou de Terena: o povo que saiu de dentro da terra (BITTENCOURT e LADEIRA, 2000).

Nesse sentido, o jeito de ser terena os diferencia da sociedade, as reflexões apontadas nessa pesquisa em torno da geografia Terena propicia compreender sobre outros saberes e outros pensares. Essa etnia indígena enxerga e organiza o espaço com outras intenções, possui outras percepções espaciais por meio de suas relações com o humano e o não humano (natureza e espiritualidade).

Os Terena possuíam e possuem conhecimentos tradicionais transmitidos de geração a geração: os saberes da cultura, dos mitos como forma de ser, viver e relacionar com a natureza. Os saberes tradicionais Terena vêm de diversos experimentos empíricos acompanhados de observação complexa que envolve a natureza, constelações, fases da lua e sempre obedecendo ao campo místico que está associado ao tipo de conhecimento individual e coletivo, que por sua vez, é socializado para o bem do coletivo, buscando responder às suas necessidades, aos seus



desejos, às suas crenças, aos valores, a natureza e aos seus territórios por meio da ciência indígena.

Os saberes indígenas estão ligados com a observação da natureza para compreender e conhecer o seu funcionamento, não para dominar e nem controlar, mas para seguir e respeitar a lógica que é oferecida pela natureza, dentro dos limites e potencialidades, em benefício da população indígena.

A concepção indígena de natureza, que é substancialmente dualista, composta por seres naturais e sobrenaturais, formando um todo único. Assim, todos os seres vivos ou não vivo, reais e materiais possuem também suas dimensões espirituais. Uma planta, por mais simples que seja, possui seu espírito, geralmente conhecido como “mãe”, uma espécie de ancestral protetor (LUCIANO, 2006, p.173).

Ao olharmos para essas outras cosmologias de pensamento, no caso a Terena, nota-se que enfrentam resistências para serem compreendidas e aceitas no espaço do mundo Ocidental, que vem há séculos, por meio de força, impondo-se sobre outras formas de vida e outras culturas, e tudo que se opõe no sentido de diferente, mesmo que não questione nem ameace, mas ao apresentar que existe outra forma de ver e se relacionar com o mundo, já é estigmatizada e considerada inferior por forças ocidentais e capitalistas e é entendida como uma ameaça ao modo operante dominante.

Boaventura de Souza (2010) e Porto-Gonçalves (2021) abordam sobre o epistemicídio: é a destruição de algumas formas de saberes locais, à inferiorização e silenciamento de outros, desperdiçando-se, em nome dos desígnios do colonialismo eurocêntrico, a riqueza de perspectivas presentes na pluralidade cultural e nas multifacetadas espacialidades, visões e cosmologias de mundo por essas culturas vivenciadas e protagonizadas. Os povos/sociedades não-europeus foram desconsiderados nas suas formas próprias, inclusive de conhecimento, como se organizavam seus espaços de vida. Impôs uma leitura (eurocêntrica) da geografia mundial com fundamento na invenção histórica do “conceito” de raça como parte de um sistema de poder. Os homens brancos europeus foram colocados como hierarquicamente superiores em relação a outros povos/regiões/gêneros.

Nesse contexto, o colonialismo do pensamento e o epistemicídio também reverberaram por meio da escola, no espaço da aldeia em que os alunos indígenas enviados para escolas no interior das reservas eram, aos poucos, devorados pela lógica da escola e pelos seus currículos alienistas. A escola integradora, alienante e alterizadora não adequava a realidade étnica dos diferentes povos indígenas, essa realidade começa lentamente a mudar por meio de políticas



educacionais voltada para a adaptação dos currículos e da escola aos povos indígenas (SOUSA e SOUZA, 2017).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O povo Terena é filiada ao tronco linguístico Aruak, possui uma longa história e trajetória de luta territorial no Estado de Mato Grosso do Sul que se estende por muitos anos antes mesmo da eclosão da Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai (1864 – 1870) e intensificada no pós-guerra. Essa luta, pela retomada e pela proteção física e simbólica de seus territórios, permanece até os dias atuais. No estado do Mato Grosso do Sul, esse povo está presente em Terras indígenas nos municípios de Aquidauana, Anastácio, Dois Irmãos do Buriti, Miranda, Nioaque, Rochedo e Sidrolândia, também há Terenas que vivem em Porto Murtinho (na Terra Indígena Kadiwéu) e em Dourados (TI Guarani).

Quadro 01: Terras Indígenas e Aldeias Terena no estado de Mato Grosso do Sul

Municípios/MS	Terras Indígenas Terena	Aldeias Terena
Aquidauana	Taunay-Ipegue	Água Branca, Bananal, Colônia Nova, Imbirussu, Ipegue, Lagoinha e Morrinho.
	Limão Verde	Córrego Seco e Limão Verde.
Anastácio	Aldeinha	Aldeinha.
Dois Irmãos do Buriti e Sidrolândia	Buriti	Buriti, Córrego do Meio, Água Azul, Recanto, Barreirinho, Oliveira, Lagoinha e Olho D'Água.
Miranda	Cachoeirinha	Argola, Cachoeirinha, Passarinho e Mãe Terra.
	Pilad Rebuá	Moreira.
	Lalima	Lalima.
Nioaque	Nioaque	Água Branca, Brejão, Cabeceira e Taboquinha.
Rochedo	N.S. Fátima	Água Limpa e Bálamo.

Fonte: FUNAI, 2021

Elaboração e organização: Meira, F.O. 2021.

Nas aldeias, o povo Terena pratica a sustentabilidade ambiental da “mãe natureza” ou “mãe terra”, por isso os indígenas procuram respeitar a natureza durante a caça e pesca, por exemplo: procura explorar de forma racional a “mãe natureza” que permite retirar o sustento de forma equitativa de acordo com o tamanho da família, evitando o desperdício ou as formas predatórias das potencialidades da natureza. Dessa forma, destacamos que os Terena são



portadores de conhecimentos tradicionais que têm uma cosmologia de compreensão e de comportamento incorporada à cultura que exige a necessidade de proteção ambiental da natureza e, conseqüentemente, a preservação territorial dos povos indígenas.

Diante desses comportamentos de respeito e no trato da natureza e da liberdade de colocar em prática a cosmografia Terena identifica-se uma geografia Terena específica de cada aldeia que são nomeados os lugares de pesca “*lamíhi*”, lugares de lobos “*yovírekoe*”, lugares sagrados “*yúxu*”, entre outros que estão presentes. Esses lugares têm significados místicos e culturais para esse povo e são conhecidos por todos os moradores das aldeias, que organizam o território por meio significação cultural específica dos lugares de moradia, de caça, de pesca, de lobos, de mãe da água, lugares históricos e lugares sagrados.

O conceito de terra para os Terena remete a noção de um determinado espaço geográfico, com diversas características físicas, naturais e espirituais onde se encontram: terra “*poke’é*” é o lugar historicamente de onde vieram os Terena, por isso terra, território significa na cosmografia indígena; lugar de plantio, local de moradia, local de sociabilidade Terena, lugar espiritual, local místico de demarcação do lugar de nascimento e de morte, local de iniciação xamânica, sustentabilidade indígena, escola de transmissão de conhecimentos tradicionais entre outros.

Podemos verificar que o jeito de ser Terena de cada aldeia reverbera na organização escolar, pois as escolas são organizadas na temporalidade indígena, apesar de que ainda haver resistência por parte dos órgãos mantenedores dessas instituições. Observa-se que as práticas diárias dos professores indígenas apontam para o entendimento de uma geografia Terena, pois são outros significados da natureza, do espaço e do lugar partem de outra epistemologia de construção e sentido desses objetos de estudo da Geografia.

No espaço escolar o conhecimento tradicional Terena (educação indígena) se faz presente na educação escolar, a escola é o lugar onde ocorre recuperação de suas memórias históricas, a reafirmação da identidade étnica a valorização da língua e ciências Terena ao mesmo tempo que permite que esses estudantes tenham acesso às informações e conhecimentos técnicos, científicos e culturais da sociedade nacional não indígena. A escola também tem as atividades organizadas dentro da temporalidade Terena e os horários são organizados conforme as necessidades de cada aldeia.

Dominar os conhecimentos dos brancos não significa tornar-se branco ou abdicar-se de seus modos tradicionais de vida. Significa que, de posse dos conhecimentos dos brancos e dos seus modos de pensar, agir e viver, a chance de estabelecerem estratégias eficazes de defesa, resistência e garantia de seus direitos e interesses é muito maior, transformando os próprios conhecimentos dos brancos não contra os brancos, mas em favor dos direitos coletivos



indígenas. Isso de fato pode e tem ajudado em diálogos menos desiguais entre os povos originários e o Estado e a sociedade nacional dominante (BANIWA, 2019, p. 61).

Por meio de observações do cotidiano escolar, identifica-se que os professores indígenas além de ensinar os conhecimentos ditos universais, também proporcionam momentos de ensinar a esses estudantes a educação Terena, como a construção de uma roça. Na cultura Terena a roça é o lugar de muitos ensinamentos e aprendizagem de conhecimentos tradicionais, é o lugar onde se aprende a conhecer as árvores venenosas, quanto as que servem para lenha e as que são utilizadas para fazer cabos de ferramentas, também nesses momentos, as crianças e adolescentes recebem orientações do tempo ideal que cada árvore pode ser cortada, e também quando seu diâmetro, em consonância com as fases da lua, poderá ser utilizado para a subsistência Terena. Além de aprenderem o lugar de plantar (lugares reservados a roça) e o tipo de plantio para cada período do ano.

Sabe-se que tem sido desafiador implantar na prática uma educação escolar indígena diferenciada, mas percebe-se por meio ações dos professores nas escolas indígenas Terena passam aos estudantes suas experiências sobre como cultivar, proteger seus territórios reafirmando e valorizando a cultura Terena na sala de aula, além disso esses docentes também trazem para o espaço de aprendizagem escolar outras formas de interpretar, conhecer e estudar o mundo. Desse modo, por meio da escola, os Terena têm conseguido promover atitudes que levam a sobrevivência cultural, ou seja, os valores e as tradições que marcam a identidade Terena, como se pode observar na figura 1 que os estudantes, professores e moradores da aldeia Brejão interagem no local da roça que, como já ressaltado, também é lugar de aprendizagem de conhecimentos tradicionais desse povo.



Figura 01: Estudantes Terenas no espaço da roça.

Fonte: Arquivo da E. M. Professor Eugênio de Souza, Aldeia Brejão, 2019.



As roças, nas aldeias Terena são sempre cultivadas por núcleos familiares, ou por um conjunto de pessoas pertencentes a mesma família que moram próximas. Os professores Terena utilizam momentos das aulas para orientar os estudantes sobre todo o processo de construção de uma roça: período correto de plantio, formas de colheita, observância das fases da lua que se deve cultivar as plantas.

É importante destacar que desde a preparação do solo até o plantio e cuidados das plantas são atividades destinadas praticamente aos homens, que passam esses conhecimentos aos meninos, e a partir do momento da colheita, essa atividade reservada as mulheres que passam esses conhecimentos as filhas e para as meninas da comunidade, nesse momento as mulheres ensinam como arrancar um pé de mandioca e como é feito o transporte até as casas na aldeia. Observa-se por meio dos exemplos descritos que os Terena possuem divisões específicas de atividades relacionadas à agricultura em suas aldeias, aos trabalhos específicos a serem realizados pelos homens e pelas as mulheres.

Ressalta-se que a roça na cultura Terena é o lugar de muitos ensinamentos e aprendizado da cultura desse povo, esses conhecimentos ainda são desconsiderado no currículo escolar e pelas secretarias de educação responsáveis pelas escolas nas aldeias. Nessa perspectiva de pensamento, cabem as pesquisas decolonial problematizar a relação entre saberes e territórios, porem em questão a ideia eurocêntrica de conhecimento universal e não recusar a ideia que o conhecimento seja universal, mas, sim, retirar o caráter unidirecional que os europeus impuseram a essa ideia (eurocentrismo) e afirmar que as diferentes matrizes de racionalidade constituídas a partir de diferentes lugares e culturas (PORTO-GONÇALVES, 2017).

Destaca-se também a importância do território para a sobrevivência cultural Terena. Pois, sem território não é possível desenvolver agricultura e uma Educação Escolar Indígena Específica, Diferenciada e Intercultural. Nota-se que para os povos originários, o território é parte da forma com que vivem, de suas organizações sociais, da construção de saberes e de se relacionar com a natureza, o território é uma parte do próprio corpo indígena e quando se pratica violência com os territórios indígenas, isso reverbera em violência contra os corpos desses povos que são desapropriados de suas territorialidades singulares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos que esse trabalho contribua para a problematização quanto à hegemonia do pensamento ocidental sobre outras culturas/outras cosmologias, reconhecendo outras formas



de vidas, dando visibilidade à geografia Terena, às suas formas de viver e se relacionar com o mundo, às suas diversas formas de resistências frente à colonialidade ocidental. Defende-se que é necessário, nos estudos da ciência geográfica, abordar várias outras formas de imaginações de espacialidades, outras temporalidades, outras concepções de mundo e outras epistemologias de construção do pensamento, cabe a essa ciência abordar as múltiplas geografias culturais existentes no Brasil.

Para isso, temos que ouvir os Terena, observar suas marcas no espaço, a temporalidade e espacialidade dessa etnia e como produzem e vivenciam suas geografias. Devemos considerar as relações cosmológicas indígenas presentes na mitologia em que não existe distinção entre o humano e o não humano (o que é terra, pessoas e natureza), esses elementos compõem uma única ideia sem separação ou distinção entre eles, construindo outra forma de se relacionar, pensar e transformar os lugares, ou seja, outra geografia que é materializada na forma de ser e do Bem Viver dessas sociedades ameríndias.

Destacamos que é irresponsável por parte do Estado brasileiro, de impor valores por meio alheios à cultura de um povo. Essa forma de agir é uma política agressiva que se impõem modos de organização, seja educacional ou valores culturais alheios a uma sociedade local, sem levar em consideração as particularidades históricas, religiosas e locais, dessa forma forçando mudanças na tradição na forma de viver e de se relacionar com o espaço. Essas atitudes violentas devem ser interrompidas, pois levam a uma inferiorização das culturas e saberes diferentes dos ocidentais universalizados. Destaca-se que a luta indígena não é uma luta particular é uma luta pela humanidade.

Em decorrências das diversas formas de imposição estatal na organização social Terena que levam a fatores negativos a esta sustentabilidade indígena, pois devido aos aldeamentos em reservas e a falta de territórios, os Terena não têm mais a oportunidade de escolher o local da moradia que tradicionalmente era ligado ao tipo de solo adequado a práticas agrícolas de subsistência familiar.

Por falta de liberdade para se organizarem no espaço de acordo com a cultura tradicional onde as roças eram feitas no fundo dos quintais enriquecidas por meio de trocas diversificada de culturas que propiciavam a retirada do alimento e também de matéria-prima como por exemplo: o algodão para a confecção de redes, faixas, bolsas tudo por meio do fuso e do tear Terena, suprimindo as necessidades da rede para dormir tanto da criança como para os adultos, por isso a transmissão de conhecimentos tradicionais para os mais jovens tem se enfraquecido com o passar dos anos.



Destaca-se que mesmo com a imposição do Estado , por meio de políticas indigenistas, na configuração espacial dos Terena por meio dos aldeamentos em reservas que impôs uma cartografia ocidental a organização das moradias e das roças que trouxe a essa etnia prejuízos tanto de ordem cultural quando de transmissão de saberes tradicionais e a prática da agricultura, em resistências os indígenas ressignificam novas configurações espaciais moldadas pela forma de pensar e de “ser Terena” que permitem a eles fortalecerem sua cultura e sua identidade, e a escola mesmo ainda com características fortes predominantes não indígena vem se tornando uma aliada na transmissão do jeito de “ser Terena”.

Nesse sentido, as reflexões apontadas trazem contribuições para os estudos da Geografia, que em vários momentos desconhece que as populações indígenas possuem a sua geografia própria construída pelos indígenas, ancorada nos costumes tradicionais, no uso do solo e na organização espacial e que essas formas de se relacionarem com espaço que habitam, mesmo que indiretamente , e percebe-se, por meio das pesquisas , que os indígenas trazem muito de suas geografias produzidas cotidianamente para a escola e que atravessam o currículo escolar (mesmo que esse currículo seja imposto com forte teor colonialistas pelas secretarias de educação).

REFERÊNCIAS

BANIWA, Gersem. **Educação escolar indígena no século XXI: encantos e desencantos**. 1º ed. Mórula, Laced. Rio de Janeiro, 2019.

BITTENCOURT, Circe Maria; LADEIRA, Maria Elisa. **A história do povo Terena**. Brasília: MEC, 2000.

LUCIANO, Gersem dos Santos. **O Índio Brasileiro**: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. De saberes e de territórios – diversidade e emancipação a partir da experiência latino-americana. In. CRUZ, Valter do Carmo; OLIVEIRA, Denílson Araújo. (Orgs.). **Geografia e giro descolonial: experiências, ideias e horizontes de renovação do pensamento crítico**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2017.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. Outros horizontes para a geografia pela vida, pela dignidade e pelo território. In. CATTANEO, Dilermando; CÂMARA, Marcelo Argenta e



FERREIRA da Silveira, Renata. (Orgs.). **Geografias da R-existências**. Ed. Monstro dos Mares, Ponta Grossa/PR, 2021.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (Orgs.) **Epistemologias do Sul**. São Paulo; Editora Cortez. 2010.

SOUSA, Neimar Machado; SOUZA, Teodora. Saberes indígenas: vivência e convivência. **Revista Humanidades e Inovação**, v.4, n. 3, p.235-248, 2017.